

AS MIL E UMA HISTÓRIAS DE MANUELA: A LUDICIDADE DE TEXTOS LITERÁRIOS E O REENCONTRO ESCOLAR

Kátia Renata Quinteiro Juliano

Eduardo Lorini Carneiro

Luciana Backes

DOI: <https://doi.org/10.29327/560021.1-4>

Resumo: A contação de histórias se configura como uma importante prática para o desenvolvimento da criatividade e imaginação dos estudantes. Para além disso, a partir desse movimento, podemos ainda instigar a autoria em um processo de criação de novas histórias e articulação com os conhecimentos previstos nas diretrizes curriculares. Neste artigo, apresentamos a sequência didático-pedagógica realizada com turmas dos anos iniciais do ensino fundamental no município de Canoas a partir da narrativa do livro *As Mil e Uma Histórias de Manuela*. Contextualizando os saberes através da ludicidade, os estudantes desenvolvem conhecimentos de diferentes disciplinas à medida que se apropriam de histórias de seu cotidiano e atribuem significado a cada uma delas. Como atividade, desenvolvem minilivrinhos com suas percepções a partir de diferentes narrativas, compartilhando suas aprendizagens com os colegas em um processo coletivo de construção do conhecimento.

Palavras-chave: Literaturalização das ciências. Contação de histórias. Autoria.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos a sequência didático-pedagógica a partir do livro *As Mil e Uma Histórias de Manuela*, de Marcelo Maluf (2014). A narrativa apresenta a história da menina

Manuela (figura 01) que, em vez de ler os livros aos quais possui acesso, ela os devora, literalmente, até que seu corpo passa por uma transformação, tornando-se um grande livro. Ao procurar ajuda com seu avô, Manuela é orientada a escrever a sua própria história e, durante esse processo, as palavras saem de si e ela volta ao seu estado original.

Figura 01 – Representação da personagem Manuela



Fonte: MALUF (2014, p. 15).

O livro encontra-se disponível para os estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, configurando-se como um artefato ao alcance de professores para a utilização e adaptação em suas práticas. Assim, desenvolvemos atividades com grupos de estudantes do 1º ao 5º ano desta etapa de ensino tendo como tema a escuta atenta, a escrita contemporânea e dobradura. A prática se desenvolveu por meio da disciplina Projeto Livro e Leitura (PLL) na Escola Municipal de Ensino Fundamental Assis Brasil, pertencente à rede pública de Canoas, RS.

Nesta prática, articulamos a narrativa do livro com objetos de conhecimento das disciplinas de Língua Portuguesa

e Artes conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018). Durante o desenvolvimento, compreendemos a literaturalização das ciências na aproximação do conhecimento científico proposto nas diretrizes educacionais com o cotidiano dos estudantes. Essa aproximação ocorre com a mediação da professora tendo o livro de Maluf como referência para a contextualização de conhecimentos, práticas e experiências.

Ressaltamos, ainda, que as atividades ocorrem em congruência com o projeto “Recontextualizar as Ciências e a Contação de Histórias para os Processos de Ensino e de Aprendizagem da Educação Básica à Formação de Professores a nível Internacional” da Universidade La Salle (Canoas, RS). Compreendemos que, em um contexto permeado por artefatos digitais, o conhecimento emerge também a partir de artefatos analógicos e estes, em harmonia com os demais elementos presentes no cotidiano de estudantes e professores, potencializam a contextualização entre as convivências e práticas sociais com o conhecimento escolar.

Assim, a contação de histórias representa para o(a) professor(a) a possibilidade de utilizar de narrativas e histórias fictícias e de um universo de fantasia para tensionar as situações do dia a dia dos estudantes. Trata-se de uma prática presente em muitas culturas ao longo da história da humanidade, configurando-se como tradição para muitos povos. Acerca dessa relevância, Silveira (2008) destaca que a contação de histórias no ensino fundamental tem um caráter que vai além da passividade do estudante em ouvir uma narrativa, desenvolvendo uma série de conhecimentos.

Contar ou ler histórias para as crianças possibilita suscitar o imaginário infantil, responder perguntas, encontrar e criar novas ideias, estimular o intelecto, descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções. [...] Contar e ler histórias implica também em desenvolver todo o potencial crítico da criança, pois através da audição de histórias a criança é levada a pensar, questionar e duvidar, estimulando desta forma o seu senso crítico. Com isso, entendemos que a oralidade da comunicação se coloca para além do texto escrito (SILVEIRA, 2008, p. 26).

Compreendendo a relevância da literatura e contação de histórias, a articulação com o projeto de pesquisa, a prática pedagógica da autora e a construção do conhecimento a partir dos elementos que emergem da narrativa, desenvolvemos o projeto “As Mil e Uma Histórias de Manuela” com 52 estudantes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Na sequência, apresentamos as atividades realizadas bem como as considerações no que se refere à importância da contação de histórias como forma de aprendizagem, exploração das características literárias, promovendo momentos de partilha e criatividade.

2. METODOLOGIA

Certa vez, a professora perguntou a Manuela:

- Por que, em vez de comer, você não lê os livros?

- Professora – respondeu a menina – é que os livros têm sabores tão diferentes que eu não consigo parar só na leitura: fico tremendo de vontade de experimentar, sentir o sabor de cada página, de cada palavra, de cada ponto e vírgula! Quando vejo, já estou comendo! (MALUF, 2014, p. 14-15).

Para Manuela, cada livro traz uma experiência diferente de sabor. Alguns mais azedos, como os de suspense e outros mais doces, como as histórias românticas. Dos livros emergem situações, emoções e conhecimentos diversos, tanto para a personagem como para os estudantes que se apropriam de sua narrativa. Articulando estes conhecimentos e as descobertas a partir da contação de histórias, destacamos os seguintes objetos de conhecimento da Base Nacional Comum Curricular:

LÍNGUA PORTUGUESA:

Formação do leitor literário:

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

Correspondência fonema-grafema:

(EF01LP02) Escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética – usando letras/grafemas que representem fonemas.

Compreensão:

(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

ARTES:**Materialidades:**

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

O projeto “As Mil e Uma Histórias de Manuela” se configura, assim, de forma interdisciplinar, tensionando os conhecimentos científicos de duas disciplinas a partir de atividades mediadas pela narrativa do livro. Os objetivos da atividade constituem em: criar, a partir da ideia do livro, sabores para as histórias já conhecidas pelos estudantes; e fazer a dobradura do “livrinho” no qual as histórias e os sabores serão escritos.

A mediação pedagógica da professora orienta as turmas a fazer a escuta atenta da história do livro, a escrita espontânea por parte dos estudantes, a ilustração dos sabores criados e a dobradura da arte final. A atividade tem o tempo de um período de aula com 50 minutos e está organizada em cinco diferentes momentos:

1º momento:

A professora contou a história “As Mil e Uma Histórias de Manuela” demonstrando para os estudantes as ilustrações, a capa e a contracapa do livro para que eles vejam a estrutura do livro, bem como a orientação da leitura e escrita.

2º momento:

Após a leitura, a professora conversou com a turma sobre o tema da história, sobre quais as relações entre a história e a realidade, se é possível “comer um livro”.

3º momento:

Com os estudantes do 5º ano, a professora ensinou a fazer a dobradura do livrinho para que, com a dobradura pronta, pudessem escrever nas páginas. Os demais estudantes, do 1º ao 4º, já receberam as dobraduras prontas. Também foi solicitado aos estudantes do 5º ano que escrevessem pequenos textos sobre o que imaginavam quando “comessem as histórias”.

4º momento:

A professora pediu que estudantes contassem seis histórias que eles conheciam previamente, fazendo a listagem no quadro. Com a lista pronta, os estudantes imaginavam que sabor teria cada história. Abaixo do nome da história, os estudantes faziam o desenho do sabor imaginado, tentando escrever abaixo o que desenharam.

5º momento:

Ao término, com os livros prontos, os estudantes que desejassem, puderam expor para a turma seus livrinhos.

Como critério de avaliação do estudante, será observada a construção do livro a partir da compreensão da história e da proposta da educadora, contemplando a articulação entre o desenvolvimento de seu livrinho em um processo de autoria com a interpretação da narrativa do livro proposto.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Contar uma história não é apenas fazer uma narrativa, entregando para o ouvinte um enredo que se encerra quan-

do fechamos a última página do livro. Acreditamos que contar uma história é abrir as portas para um mundo de imaginação e conhecimento que não necessariamente estava contemplado na narrativa original.

Para Schlemmer, Di Felice e Serra, “o mundo que habitamos não é mais apenas aquele físico e visível, mas um conjunto complexo e inseparável de mundos e combinações informativas e materiais. Um info-mundo. Uma rede de redes” (2020, p. 7). Nesse ecossistema, habitam as tecnologias, tanto digitais – aplicativos, jogos, computadores, celulares etc. – como analógicas, as quais representamos aqui através do livro de Maluf (2014).

A partir da interação neste meio, o ser humano assimila novas informações, articula com o espaço ao seu redor e constrói novos conhecimentos. Assim, contar uma história é trazer elementos ficcionais para o estudante e possibilitar que ele os associe com os elementos presentes em seu cotidiano.

Neste contexto, Barchinski e Backes afirmam que literaturalizar as ciências “consiste numa inovação das práticas pedagógicas, potencializando o processo de aprendizagem dos estudantes de maneira contextualizada” (2018, p. 101). Recentemente, passamos por mudanças na compreensão dos processos de ensino e aprendizagem, impulsionadas principalmente em razão da atual pandemia, mas também presente nas interações que os estudantes fazem entre si e com diferentes artefatos.

Diante disso, as autoras compreendem que é cada vez mais emergente o movimento de literaturalizar as ciências, ou seja, a “criação de metáforas nas relações entre objetos/histórias e ciências, denominando de metáforas epistêmicas” (BARCHINSKI; BACKES, 2021, p. 56).

O projeto teve como referência também os estudos de Emilia Ferreiro para compreender a construção da escrita e das representações dos sons, principalmente para compreender as hipóteses apresentadas na escrita espontânea. Do mesmo modo, como aporte teórico, no processo de aprendizagem por meio da interação da criança com seu grupo e com o conhecimento, foi utilizado Piaget.

Na prática realizada na escola trazemos a narrativa de Manuela como artefato, mas a construção do conhecimento não se dá por encerrada ao final da contação de história e nem se limita aos conhecimentos já trazidos pelo autor em sua obra. O livro representa um ponto de partida do qual iniciamos uma série de novas descobertas. Em nossa prática, articulamos os conhecimentos prévios dos estudantes a partir das histórias que eles já haviam ouvido com a prática da personagem Manuela de atribuir significados, sabores e sentidos a essas histórias.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A presente prática pedagógica, como anteriormente explicitado, ocorreu com os estudantes durante as aulas de PLL, nas quais a professora explorou o livro “As Mil e Uma Histórias de Manuela”, abordando aprendizagens de língua portuguesa e artes. Os objetos de conhecimento utilizados como base a partir da BNCC, levando em consideração aprendizagens que contemplassem a escuta atenta, interpretação e compreensão da história, a escrita espontânea e a confecção de dobraduras.

Como parte das atividades, os estudantes eram instigados a fazer produções espontâneas de escrita, contemplando o imaginário da história e adentrando no universo de Manuela. Para tanto, é necessário compreender que o processo de escrita dos estudantes perpassa por suas experiências e seus contextos. Ao fazer uso da escrita espontânea nas aulas, tendo como base a temática abordada, representa uma oportunidade dos estudantes experimentarem a escrita autoral, e não a simples cópia ou escrita de palavras descontextualizadas. Sendo assim, Soares afirma que:

Esse aprendizado não consiste numa simples imitação mecânica da escrita utilizada por adultos, mas numa busca de compreender o que é a escrita e como funciona; é por essa razão que se diz que se trata de um aprendizado de natureza conceitual (SOARES, 2005, p. 35).

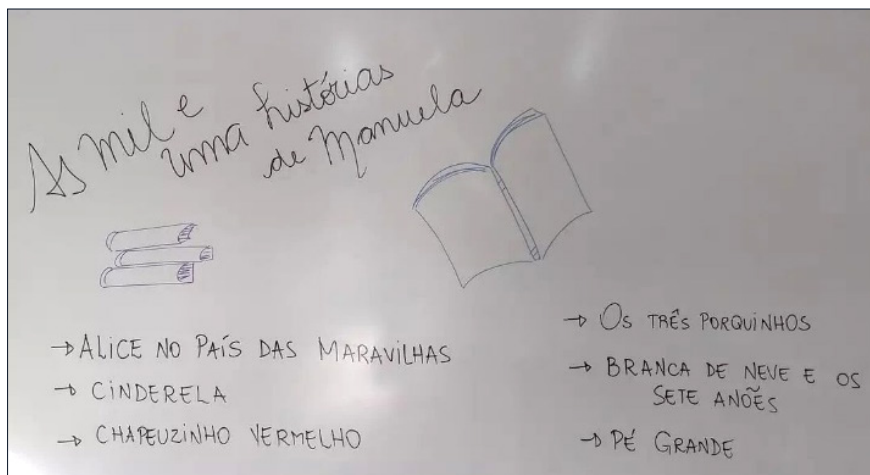
Ao experienciar a escrita a partir do que o estudante pretende escrever, o professor consegue analisar como está o seu estágio de alfabetização, conseguindo, portanto, alinhar seu planejamento com as reais necessidades de aprendizagem em que ainda há a necessidade de desenvolvimento.

O encantamento e a ludicidade das leituras feitas com os estudantes em sala de aula podem ser uma oportunidade interessante para trabalhar diversas aprendizagens. No caso da presente prática pedagógica, não apenas questões ortográficas foram trabalhadas, mas a orientação do texto (a leitura se dá da esquerda para direita, de cima para baixo), as referências apresentadas no livro (autores e ilustradores), as analogias que poderiam ser feitas a partir do imaginário de cada estudante com as histórias elencadas por eles e a oralidade (quando apresentaram aos demais suas produções).

No caso da prática pedagógica aqui explicitada, também foi levado em consideração o período pelo qual todos estão passando ao redor do mundo: o retorno das aulas presenciais ainda durante a pandemia, bem como a pós-pandemia de Covid-19. Com base nos protocolos de distanciamento e normas sanitárias, a prática foi conduzida de forma individual com os estudantes, já que os trabalhos em duplas e grupos foram suspensos nesse momento.

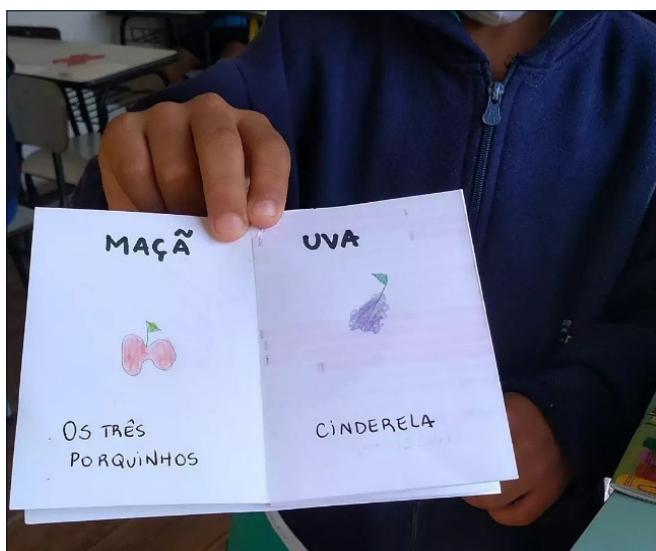
Começando a prática com as turmas de 1º ano, após a escuta atenta da história da Manuela, os estudantes elencaram histórias nas quais queriam atribuir “um sabor”. Com os desenhos prontos, os estudantes se dirigiam para a mesa da professora, explicando para ela qual sabor escolhido e o “porquê”. Nessas turmas, nenhum estudante conseguiu escrever de forma autônoma, porém, com a professora como escriba, os livrinhos aos poucos foram tomando forma, a partir do imaginário dos estudantes. As figuras 2 e 3 representam essa dinâmica da aula.

Figura 02 – As histórias escolhidas pelo 1º ano



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 03 – Estudante do 1º ano apresentando seu livrinho



Fonte: Acervo pessoal.

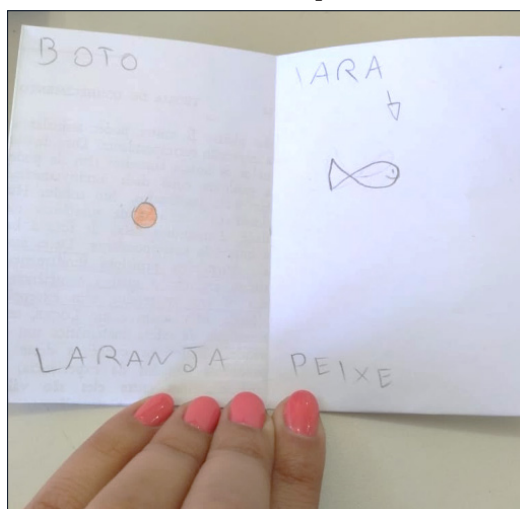
O estudante apresentado na figura 3, quando questionado pela professora acerca do sabor escolhido para “Os três porquinhos” e “Cinderela”, justificou que o primeiro foi representado pela maçã, pois “quando assava o porquinho, se colocava uma maçã na boca” e a uva pois combinava com o vestido

da personagem. Outro estudante disse que o “Pé-grande” tinha gosto de queijo, pois se assemelhava “ao chulé”.

Nesta atividade, percebe-se que a escrita buscou um significado, fazendo com que a criança pensasse no que combinaria com cada história e assim a representasse, mesmo não sabendo a escrita da palavra. Conforme Ferreiro, a “compreensão do modo de representação da linguagem que corresponde ao sistema alfabético de escrita” (2017, p. 20) é um processo que deve ser considerado no percurso da alfabetização, necessitando um olhar sensível do professor.

Com os estudantes do 2º ao 4º ano, a escrita foi espontânea e se efetivou, expondo melhor o que eles queriam representar de forma escrita, bem como algumas dificuldades. Aqui é necessário compreender que muitos estavam longe das aulas há mais de ano, outros não acompanhavam os conteúdos em formato híbrido e nem pegavam as atividades impressas quando disponibilizadas na escola. Sendo assim, a composição das turmas é consideravelmente heterogênea, fazendo com que a aprendizagem da leitura e escrita seja um processo de desenvolvimento para além do bloco de alfabetização.¹ A figura 4 a seguir apresenta um trabalho de um aluno do terceiro ano.

Figura 04 – Estudante do 3º ano apresentando seu livrinho

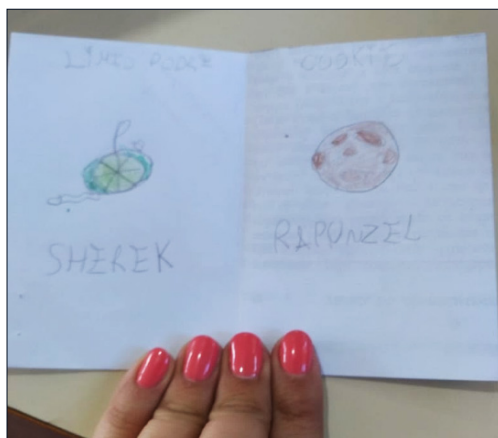
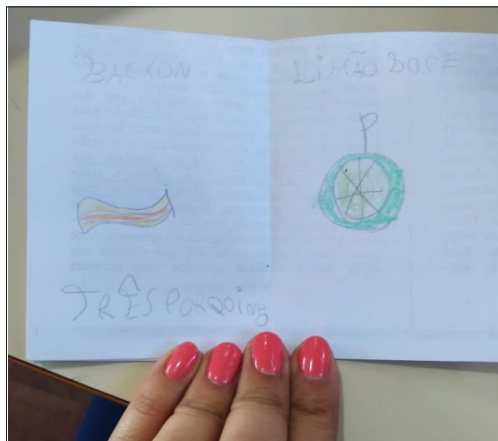


Fonte: Acervo pessoal.

1 Compreendido nas escolas de Canoas do 1º ao 3º ano do ensino fundamental.

Nesta turma, por ter sido a aula desenvolvida após os trabalhos do mês do folclore, muitas das historinhas tinham a ver com as lendas brasileiras. A “Iara” teria gosto de peixe por ser meio sereia; outro estudante atribuiu aos “Três porquinhos” o sabor bacon, e ao “Sherek” o sabor de limão podre, pelo personagem ser verde e morar em um pântano, conforme visto nas figuras 5 e 6.

Figuras 05 e 06 – Estudantes do 4º ano apresentando seu livrinho



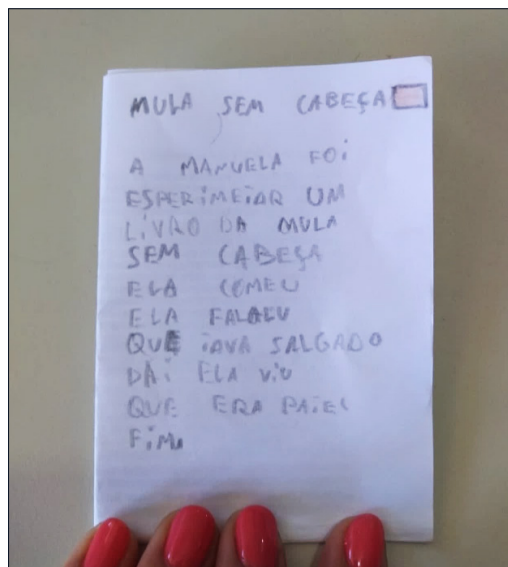
Fonte: Acervo pessoal.

Já os estudantes do 5º ano se sentiram mais à vontade na escrita espontânea, porém ainda com receio de errar. Observa-se que na escrita há erros ortográficos, porém compreende-se com clareza o que o estudante está querendo ex-

plicitar. Nos estágios iniciais de alfabetização, e até mesmo após, quando o estudante já alcançou o estágio ortográfico, as dúvidas na hora da escrita, principalmente espontânea, referem-se à consciência fonológica adquirida por eles.

Para Ferreiro (2017), é necessário saber situar as dúvidas ortográficas que surgem, fazendo correspondência com o que o estudante gostaria que ali estivesse representado. Um exemplo é a palavra “experimentar”, que aparece na figura 7, em que, na lógica do estudante, a letra “X” não seria adequada pelo som que a letra representa.

Figura 07 – Estudante do 5º ano apresentando seu livrinho



Fonte: Acervo pessoal.

As produções dos estudantes referentes à proposta da professora resultaram, de forma lúdica e criativa, na escrita espontânea de palavras, frases e pequenos textos. Nessa escrita individual, observaram-se várias dificuldades de escrita dos estudantes, proporcionando às professoras materiais para que sejam pensadas e elaboradas atividades que contribuam para a progressão do sistema de escrita.

Porém, não apenas a escrita e a ortografia foram contempladas como aprendizagens nessas atividades, tendo como objetivo principal a reaproximação dos estudantes com

o contexto escolar presencial, a interação com os estudantes entre si, mesmo a atividade escrita sendo individual, o diálogo, a escolha das histórias e a oralidade na contação da sua historinha aos demais colegas. Também foi almejado instigar a imaginação dos estudantes que, por breves momentos, foram a personagem principal da história.

Essa interação entre os estudantes e com a mediação pedagógica da professora é importante para a aprendizagem, uma vez que a construção do conhecimento é articulada e construída por meio da interação entre sujeito e objeto, configurando um processo contínuo de aprendizagem (PIAGET, 2002).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retorno das aulas presenciais em 2021 apresentou uma nova configuração de sala de aula, de interação entre os estudantes e professores, bem como a busca por estratégias pedagógicas contextualizadas. A escrita espontânea, o fomento à leitura de textos literários, a compreensão de textos e o uso de materiais para compor as aulas foram alguns dos objetivos do projeto “As Mil e Uma Histórias de Manuela”, que partiu do pressuposto de recontextualizar a narrativa criada por Maluf como uma forma de trabalhar questões necessárias de língua portuguesa, abordando também a dobradura como técnica na produção dos mini-livrinhos.

Através de metáforas, os estudantes atribuem seus próprios significados a essas histórias, trazendo suas subjetividades em um processo de autoria. Compreendemos, dessa forma, que a literaturalização das ciências, partindo da contação de história, potencializa a construção de novos conhecimentos em congruência com as diretrizes educacionais. Ao mesmo tempo, essa prática desenvolve a criatividade, autoria e pertencimento do estudante em seu processo de aprendizagem.

Os materiais que foram produzidos pelos estudantes durante o projeto, além de promover momentos de ludicidade e reconhecimento de textos literários, resultaram em escritas significativas para que a educadora compreendesse os estágios de escrita desses estudantes. De forma contextualizada

a partir de uma narrativa literária, os alunos puderam imaginar, criar, escrever e dialogar com seus colegas suas ideias, proporcionando, mesmo em época de distanciamento social, uma oportunidade de retomada da interação com seus pares.

REFERÊNCIAS

- BARCHINSKI, Karen Cardoso; BACKES, Luciana. A literaturalização das ciências no contexto acadêmico – Unilasalle: Hibridismo das linguagens e metáforas epistêmicas. **Poiesis Pedagógica**, Catalão, GO, v. 16, n. 1, p. 87-102, jan./jun. 2018.
- BARCHINSKI, Karen Cardoso; BACKES, Luciana. Literaturalização das ciências: convite à resignificação do processo de aprendizagem. *In*: MAGAN, Patrícia Kayser Vargas; ZAWASKI, Tatiane Peres (org.). **A ciência não para**: pesquisas na pós-graduação em tempos de pandemia, p. 56, 2021. Canoas, RS: Unilasalle, 2021. p. 56-62.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- MALUF, Marcelo. **As mil e uma histórias de Manuela**. São Paulo: Autêntica, 2014.
- PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SCHLEMMER, Eliane; DI FELICE, Massimo; SERRA, Ilka Márcia Ribeiro de Souza. Educação OnLIFE: a dimensão ecológica das arquiteturas digitais de aprendizagem. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, e76120, p. 1-22, 2020.
- SILVEIRA, Bianca Farias da. Contação de histórias na sala de aula: um poder mágico! **Revista Prolíngua**, v. 2. n. 2. p. 25-33, 2008.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

